

Projeto: Preservação da memória das Olimpíadas: projetos e ações

Entrevistado: Marcelo Velloso

Local: Rio de Janeiro, RJ

Entrevistadoras: Carla Siqueira; Vivian Fonseca

Pesquisadora Assistente: Lilian Lustosa

Sumário: Lucas Pacheco Campos

Data de elaboração do sumário: 15 de fevereiro de 2017

*1ª Entrevista:* 08 de setembro de 2016

Formação acadêmica e atividade profissional na área de cultura e produção cultural [p. 1-2]; atuação no Ministério da Cultura em Brasília e sua representação regional no Rio de Janeiro e Espírito Santo [p. 2-3]; a entrada no Ministério da Cultura e o desenvolvimento do trabalho no órgão [p. 3-5]; o desenvolvimento e a consolidação do projeto Pronatec Cultura [p. 6-7]; o envolvimento da APO e do MinC na construção de um programa de cultura para os grandes eventos [p. 8-11]; o imbróglio envolvendo as dificuldades do MinC ao produzir uma agenda de cultura para a Copa do Mundo [p. 12]; a problemática em torno da definição da questão financeira para a programação cultural dos Jogos Rio 2016 [p. 14-15]; a resolução para a questão do patrocínio nos jogos de Londres 2012 e sua comparação com os jogos do Rio 2016 [p. 15-18]; as dificuldades do Comitê Rio 2016 na captação de recursos e patrocínio [p. 19-21]; o engajamento da Prefeitura do Rio na captação de recursos e a abertura do edital Rio Cidade Olímpica [p. 22-23]; as redes de acessibilidade cultural em SP e no RJ [p. 24-25]; as dificuldades com as mudanças de gestão e com a questão financeira para custear a programação cultural do evento [p. 27-29]; as razões políticas para a demora na tomada de decisão e ação [p. 29-31]; a complexidade da política interna dentro do MinC e seus impasses [p. 31-32]; o convite para entrar na APO e sua atuação dentro do órgão [p. 32-33]; a reestruturação da APO e o papel do general Fernando Azevedo e Silva nessa etapa [p. 33-35]; o desenvolvimento dos trabalhos da APO e sua relação com os outros órgãos [p. 35-39]; a criação de uma marca “Brasil” para os Jogos Rio 2016 [p.40]; os percalços na gestão da força de trabalho e do voluntariado e o relacionamento com o Ministério do Trabalho [p. 41-42]; os

contratempos com o voluntariado: demanda, evasão, enquadramento legal, questões trabalhistas, mobilização [p. 42-45]; a participação da APO nas casas dos países durante as Olimpíadas e o envolvimento com a casa Brasil em Londres [p. 47-50]; o projeto *Live Sites*, a execução do projeto Boulevard Olímpico e sua repercussão [p. 51-54]; os questionamentos dentro da APO [p. 56-57]; as perspectivas em relação ao programa de cultura executado [p. 57-58]; as repercussões da passagem da tocha olímpica: intenções, objetivos e recepção do público [p. 59-62]; a oposição política aos Jogos Olímpicos: os protestos contra o legado olímpico [p. 62-64]; o contexto da saída do entrevistado da APO: demissão no governo Temer [p. 65-67].....p. 1-67

*2ª Entrevista:* 06 de outubro de 2016

O atraso e as indefinições dos papéis da APO e do MinC na execução da programação de cultura para os Jogos Rio 2016 [p. 1-4]; a concepção da programação cultural e os percalços no planejamento [p. 4-5]; as avaliações da programação cultural durante os Jogos Paralímpicos: proposta de intercâmbio, redução de escopo, repercussão no meio cultural [p. 5-6]; o legado dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos para a área da cultura: museus, Boulevard Olímpico, os papéis assumidos pelo Comitê Rio 2016, pela prefeitura e pelos governos federal e estadual [p. 6-10]; o Museu do Amanhã, o Museu de Arte do Rio e a revitalização da zona portuária pensados como legados olímpicos [p. 10-12]; a programação cultural para os Jogos e a articulação com o Centro Cultural José Bonifácio e o Instituto Pretos Novos [p. 13]; os objetivos da programação cultural: evitar o esvaziamento dos museus no período dos Jogos, divulgação das atividades e dos equipamentos culturais da cidade [p. 14-17]; as expectativas e o grande de público no Boulevard Olímpico durante os Jogos [p. 16-17]; o papel da APO e as relações entre o Comitê Rio 2016 e os distintos entes governamentais na programação e na execução cultural: Boulevard Olímpico, *Live Sites*, *Sport Presentation*, Celebra, aplicativo Culturi, distintas concepções, vaidades políticas [p. 18-24]; as expectativas sobre a programação cultural e o balanço sobre os legados: planejamento integrado entre os órgãos de turismo, capacidade de hospedagem da rede hoteleira, aeroportos e mobilidade urbana, atividades culturais, dificuldades de captação de recursos privados [p. 25-30]; a passagem da Tocha Olímpica pelo Brasil: programação inicial e modificações necessárias, o sucesso do projeto, nacionalização do conceito dos Jogos Olímpicos, protestos e tentativas de apagar a Tocha, critérios para escolha das cidades, repercussão na grande mídia [p. 30-36; 39-

40]; o financiamento e a logística necessária para executar a passagem da Tocha [p. 36-39]; as formas de se lidar com as manifestações políticas na passagem da Tocha e as experiências acumuladas desde a Copa do Mundo de Futebol de 2014 [p. 41-42]; o programa de voluntariado: falta de preparação, legislação brasileira [p. 43-44]; apreensão e sucesso nas vendas de ingressos para os Jogos Paralímpicos: empolgação com as Olimpíadas, campanhas publicitárias e preços baixos [p. 45-46]; o Plano de Uso do Legado e o balanço geral sobre os legados: oportunidade perdida na área cultural [p. 47-49]; as relações entre a APO, a Prefeitura do Rio de Janeiro, a Empresa Olímpica Municipal, o MinC, o Ministério do Turismo, a Casa Civil e demais órgãos [p. 49-50]; a gestão da força de trabalho empregada na preparação e execução dos Jogos: formação técnica, respeito à legislação trabalhista [p. 51-53]; o tema mais complicado na organização dos Jogos: identificação, mobilização e preparação da mão de obra [p. 53-54]; o tema mais fácil: a gestão do turismo [p. 55]; a oportunidade de formação de gestores públicos com as experiências dos megaeventos [p. 55-56].....p. 1-56